

Marcos Moraes *

Artigo publicado em 14/04/2012, em O Estado de Minas.

O ônus do fumo para o Brasil

A mentira é um pecado capital. Diz o Livro Sagrado que o pai da mentira é o próprio diabo. Entretanto, os homens mentem e subvertem os fatos aos seus próprios interesses. Os argumentos podem criar factóides, mas os números não mentem. Uma pesquisa sobre doenças relacionadas ao tabaco no Brasil, divulgada recentemente pela Aliança para Controle do Tabaco (ACT), traz novos dados sobre uma realidade já conhecida: o cigarro faz mal à saúde e ao país.

Os óbitos por conta do cigarro crescerão em todo o mundo, nas próximas duas décadas, em 48%, e com um percentual ainda mais assustador de mortes em países em desenvolvimento, 80%. Também é comprovado que fumantes vivem, em média, cinco anos a menos que os não fumantes. Apesar de, em todo o mundo, as leis contra o tabagismo se acirrare, a indústria do tabaco age pelas beiras, justificando o negócio a partir dos empregos que gera e fazendo publicidade institucional a partir de ações mascaradas de sustentáveis. Cigarro mata. Isso nunca será sustentável.

O que, entretanto, é fato, é que o Brasil tem avançado na luta contra o tabagismo. O número de óbitos por ano diminuiu em 70 mil em duas décadas com o endurecimento das políticas de controle. Se na década de 1990, ocorriam 205 mil mortes por ano por conta do tabagismo, em 2008 foram cerca de 130 mil óbitos. A felicidade das conquistas não pode fazer relaxar a combatividade contra a indústria tabageira. O país ainda é o segundo maior produtor de fumo e o maior exportador no mundo. É necessário aprovar a regulamentação da lei 12.546/11, que institui ambientes fechados livres de fumo em todo país, e não retroceder na proibição dos aditivos nos cigarros, como prevê um projeto de lei em tramitação na Câmara dos Deputados.

A perda econômica também é um dado significativo. A pesquisa da ACT compara os gastos com saúde de doenças relacionadas ao tabaco ao que o Governo arrecada com impostos pagos pela indústria tabagista. Em 2008, ano em que foram colhidos os dados do estudo, o custo das doenças causadas pelo tabaco ao setor da saúde foi de cerca de R\$ 20 bilhões. Subtraindo os ganhos com impostos, o poder público acumula um déficit de R\$ 14 bilhões. Fumar faz mal ao bolso do Brasil.

Sem contar também o déficit ambiental provocado pelos bilhões de guimbas de cigarro descartadas todos os dias pelos cerca de 1,2 bilhão de fumantes no planeta. O dióxido de carbono resultante da queima do cigarro também é o responsável pela morte de 600 mil pessoas não fumantes no mundo, a cada ano, segundo estimativas da Organização Mundial de Saúde.

O modelo de produção utilizado pela indústria do tabaco acaba por explorar famílias inteiras de pequenos fumicultores, incluindo as crianças e adolescentes. As

empresas usam a capacitação e a parceria que oferecem a esses fumicultores para os tornar reféns de seus subsídios e tecnologia e os usar como mão de obra barata sem direitos trabalhistas. Na lavoura, sofrem com a intoxicação por agrotóxicos distribuídos pelas indústrias para crescimento da produção.

É fundamental lembrar que não apenas os fumantes são afetados com o seu consumo, mas milhares de pessoas adquirem problemas respiratórios por conta do tabagismo passivo. Diversas pesquisas indicam que o tabagismo está relacionado principalmente a doenças cardiovasculares e a câncer de pulmão. Sabe-se que 90% dos casos de câncer estão relacionados diretamente ao cigarro. E as doenças do coração são as principais causadoras de morte no país. Só no ano passado, segundo números da OMS, elas foram responsáveis por 33% dos óbitos no Brasil.

Os inimigos são grandes e poderosos, mas não são invencíveis. Encarar a verdade dos números de morte e de prejuízo econômico, social e ambiental do tabagismo deve ser uma forma de reagir ao problema. A epidemia de tabagismo e suas consequentes mortes não serão contidas apenas elencando esses índices. Mas apresentá-los, há de ajudar. Nós, sociedade civil, e governos temos que nos manter firmes nessa batalha.

* Presidente do Conselho de Curadores da Fundação do Câncer e da Academia Nacional de Medicina